

Berlinale no lobby
por Scorsese no
Oscar de direção



PÁGINA 3

Achados do
Festival de Berlim
para você assistir



PÁGINA 5

'Tebas Land' em
nova temporada
nos palcos cariocas



PÁGINA 6

2º CADERNO

O dia que o quadrinista foi parar num gibi

Biografia de Stan Lee em forma de HQ
disseca criações e polêmicas do autor

Por Ramon Vitral (Folhapress)

Tom Scioli abre sua biografia em quadrinhos de Stan Lee (1922-2018) com o autor já idoso, em uma convenção de HQs ocorrida pouco antes de sua morte. Ele autografa fotos de si mesmo para fãs que pagaram caro para vê-lo de perto.

De um lado do cartunista está um segurança musculoso. Do outro, uma figura obscura de paletó preto que lembra o autor do próprio nome: "Stan Lee". Depois soletra: "s", "t", "a", "n", "l", "e", "e".

Às vésperas de sua morte, aos 95 anos, Lee era mais idolatrado do que nunca, celebrado como a grande mente por trás do universo Marvel e creditado pela criação dos heróis mais populares de Hollywood. Mas ele mesmo parecia não saber quem era.

"A comunidade de quadrinhos só falava sobre isso. Era devastador", diz Scioli, autor de "Prazer, Stan - A Biografia em Quadrinhos do Lendário Stan Lee", que chega em breve às livrarias pela editora Conrad. "Era algo muito sombrio e triste. Stan era visto na área dos quadrinhos como o topo da montanha, aquele que chegou o mais longe possível, e era assim que ele passava seus últimos dias."

Scioli fez nas 208 páginas de sua HQ um panorama frenético da vida e dos feitos de Lee. É uma obra documental, com sete páginas de notas e referências bibliográficas - e propositalmente inconclusiva no que se refere às contribuições efetivas do autor para a criação de personagens como o Homem-Aranha e séries como X-Men, Quarteto Fantástico e Vingadores, assunto que é alvo de muita controvérsia.

Passado o prólogo ambientado no fim da vida de Lee, o livro retorna à infância do autor. Narra sua juventude na Nova York pós- crise de 1929, os muitos bicos que fez e sua entrada no campo dos quadrinhos por meio do editor Martin Goodman, marido de uma prima e fundador da Timely Comics - depois rebatizada de Marvel Comics. **Continua na página seguinte**

SE VOCÊ QUER SE
DAR BEM NOS QUADRINHOS,
A MELHOR COISA É SE
CONSAGRAR PRIMEIRO
EM OUTRO RAMO.



Stan Lee em
trecho da HP
biográfica
'Prazer, Stan',
de Tom Scioli,
publicada no
Brasil pela
editora
Conrad

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Cillian Murphy foi escolhido o melhor ator

'Oppenheimer' segue recebendo prêmios. Agora, o Bafta

O filme 'Oppenheimer' foi o grande vencedor do Bafta este ano. A principal premiação de cinema do Reino Unido aconteceu no domingo (18). No total a cinebiografia do inventor da bomba atômica arrematou sete prêmios, entre eles o de melhor ator, entregue para o irlandês Cillian Murphy.

Robert Downey Jr. foi consi-

derado o melhor ator coadjuvante e Christopher Nolan, o melhor diretor. Entre os filmes mais premiados, se destacam "Pobres Criaturas", que levou cinco prêmios, incluindo o de melhor atriz com Emma Stone. Já "Zona de Interesse" ganhou as categorias melhor filme em não língua-inglesa, melhor filme britânico em som.

Ativismo

Bono interrompeu show do U2 na noite de sábado (17), em Las Vegas, para pedir que a plateia repetisse o nome do líder na oposição russa, Alexei Navalni, morto na véspera. "Esta noite todos que acreditam na liberdade devem dizer seu nome".

Aluguel VIP

Sem contrato fixo com a Globo, Gloria Pires decidiu fazer renda extra alugando por temporada uma de suas casas de veraneio. Sua cobertura em Maceió foi anunciada por imobiliária especializada em imóveis de alto padrão a uma diária de R\$ 3,5 mil.

Luto na telinha

Morreu a atriz Regina Viana, de novelas como "Dancin' Days" e "O Rebu", aos 81 anos. Ela sofreu acidente vascular cerebral hemorrágico na última semana e estava internada desde então. Também atuou em "Gabriela" e "Despedida de Casado".

Saudades

Roberto de Carvalho, viúvo de Rita Lee, compartilhou vídeo da cantora, que morreu no ano passado. A publicação foi feita no Instagram. O registro, sem data especificada, mostra Rita sentada à beira da piscina, molhando os seus pés na água.



Divulgação

De office boy a maior nome das histórias em quadrinhos

Em 'Homem Aranha 3', Stan Lee dá conselhos a Peter Parker (Toby Maguire) em uma de suas muitas pontas em filmes de heróis por ele criados

O grosso da HQ enfoca, assim, a transformação de Stan Lee de office boy da então editora para showman e rosto do que se tornou um dos maiores conglomerados da indústria do entretenimento.

"Prazer, Stan" apresenta ainda alguns méritos editoriais de Lee. É o caso da criação do "Método Marvel", que prevê que os roteiristas criem diálogos só depois das páginas serem finalizadas pelos cartunistas.

O livro também revela alguns excessos do autor, como a prática de dar chicotadas em ilustradores para mantê-los no ritmo. Mais para frente, constam registros de sua relação com Hollywood e das várias pontas que ele fez em filmes da Marvel.

"Ele era a memória institucional da Marvel, o tecido conjuntivo", afirma Scioli sobre as conquistas de Lee. "Ele criou um estilo de diálogo e uma caracterização verbal cuja influência se faz sentir até hoje, em múltiplos gêneros", diz ele. "Seu pior legado? Levar crédito pelo trabalho alheio."

Uma das supostas vítimas de Lee é coadjuvante na HQ recém-lançada - Jack Kirby, objeto do livro anterior de Scioli, "Jack Kirby - A Épica Biografia do Rei dos Quadrinhos", publicado em 2020 também pela Conrad. O autor conta que suas pesqui-

sas sobre o cocriador de grande parte dos personagens da Marvel, apelidado de "o rei" pelos fãs da empresa, contribuíram bastante para a produção de "Prazer, Stan".

"Havia muito coisa a ser retratada", diz Scioli. "Stan viveu muito tempo e acumulou muitos feitos durante todos esses anos. Na meia-idade, ele estava apenas começando. Ele se movimentava com velocidade, então fiz o livro dessa forma, com tudo construído para parecer um fluxo ininterrupto."

Scioli manteve o desenho bloqueado que havia usado no livro sobre Kirby, mas substituiu os seis quadros por página do título anterior por vários painéis verticais. A factualidade das informações contrasta com o traço caricato, quase infantilizado, do autor.

Para Scioli, a história vida de Lee soa como uma parábola sobre como um dos personagens mais celebrados da indústria do entretenimento pode também se tornar uma vítima dela. O autor conta seguir frustrado com muitas das atitudes de seu protagonista.

"Ele fez parte de quase toda a história dos quadrinhos, mas quando falava ou escrevia sobre o meio e a indústria, usava principalmente frases de efeito simplistas, brincadeiras. Houve pouca comunicação sólida apesar de tudo o que ele poderia ter compartilhado", comenta o autor.

Ao conferir seu Urso de Ouro Honorário de 2024 a Martin Scorsese, em plena campanha do diretor ao Oscar, o Festival de Berlim serve de plataforma promocional para a vitória do cineasta em Hollywood

Por Rodrigo Fonseca

A pesar da torcida organizada em torno do inglês Christopher Nolan (e seu “Oppenheimer”) e de uma aposta cada vez mais crescente na francesa Justine Triet (e seu “Anatomia de uma Queda”), Martin Scorsese tem chance - e muita - de levar o Oscar de Melhor Direção de 2024 para sua casa, dado o sucesso de “Assassinos da Lua das Flores”, hoje na Apple TV. A Berlinale demonstra ter plena confiança nele, a julgar pelo circo midiático criado para receber o realizador de 81 anos esta noite, numa cerimônia que culmina com a entrega do Urso de Ouro Honorário como gesto de gratidão a todo o esplendor de sua obra. Nos últimos anos, Steven Spielberg, Helen Mirren, Charlotte Rampling, Isabelle Huppert e Willem Dafoe foram agraciados com tal troféu. Após a láurea ser confiada ao cineasta, Berlim projeta um de seus mais rentáveis sucessos de bilheteria: “Os Infiltrados”, pelo qual ele foi oscarizado em 2007.

Na quarta, será exibido o cult



Em alta com seu ‘Assassinos da Lua das Flores’, o veterano realizador Martin Scorsese é recebido com pompa e circunstância na 74ª edição da Berlinale

Ao mestre, com carinho



“Depois de Horas”, que ganhou o Prêmio de Melhor Realização em Cannes, em 1985. Em paralelo, “Assassinos da Lua das Flores” segue firme e forte nos debates da Cinemateca de Berlim e no streaming alemão.

Lá se vão 15 anos desde que Scorsese abriu o Festival de Berlim de 2008 com “Shine a Light”, documentário sobre os Rolling Stones. Faz mais tempo ainda

desde que ele concorreu ao Urso de Ouro. Foi indicado ao prêmio em 1992, com “Cabo do Medo”. Nesta terça, quando o diretor passar pela capital alemã, uma vez mais, parte das histórias que viveu nessas duas ocasiões virão à tona, a coroar su consagração e ampliar a campanha pela vitória de “Assassinos da Lua das Flores”.

Seu êxito comercial é incontestável: o filme faturou US\$

156 milhões. Sua narrativa traz um novo colorido para a filmografia de um artista coroado com a Palma de Ouro, em 1976, por “Taxi Driver”. Um artista que não para.

Celebrizado nas veredas da violência por meio de tramas de máfia, centradas na sociologia de uma América suburbana, Scorsese está prestes a fazer um (novo) filme sobre a vida de Jesus, 36 anos depois de “A Última Tentação de Cristo” (1988). Entra nessa nova empreitada em meio à colheita de prêmios por sua triagem sobre a exclusão praticada contra a civilização Osage nos EUA. O mais recente longa do diretor de “Os Bons Companheiros” (1990) é uma adaptação ousadíssima, de três horas e 26 minutos, do livro de não-ficção “Killers of the Flower Moon: The Osage Murders and the Birth of the FBI”, do jornalista americano David Grann. É um tratado histórico contra a intolerância. Dois musos da obra do diretor unem seus talentos

em cena: Leonardo DiCaprio e Robert De Niro.

Ganhador do Oscar por “A Baleia” (2022), Brendan Fraser tem uma participação luminosa no terço final de “Assassinos da Lua das Flores”, que teve uma exibição em tela grande em maio, no Festival de Cannes. A montagem de Thelma Schoonmaker (sempre exuberante em sua esgrima com a mesa de edição) equilibra tensão, conspirações políticas, melodrama e confronto de culturas. É nesse último aspecto que Lily Gladstone mais se destaca em cena.

Numa mistura de melancolia e resiliência, a personagem dela ilumina a trama fotografada por Rodrigo Prieto. Proustiano, Scorsese busca um tempo perdido quando os Osage ficam ricos com a descoberta de combustível fóssil (petróleo) em suas terras, no início do século XX, logo após a I Guerra. Nos anos 1920, em Oklahoma, eles passam a ser manipulados por um senhor feudal fora de época, chamado de “Rei”, o poderoso William Hale (De Niro, em magistral atuação). Precisando de alguém de confiança para garantir que nenhum Osage passe do ponto, matando-os se preciso for, Hale dá emprego de motorista (e de faz-tudo) para seu sobrinho, Ernest, vivido por um Leonardo DiCaprio maduro, com ares de Burt Lancaster. No flerte com os indígenas que deve vigiar, eliminando alguns, Ernest se casa com uma herdeira dessa população, Mollie, papel de Gladstone. Mollie ficou rica, mas padece de diabetes, sem conseguir dar conta do mal-estar que sente. Padece também da dor diante das mortes de seus conterrâneos. O amor de Ernest é um alívio pra ela, mas será, mais adiante, um caos. É o que se passa quando ela percebe que seu companheiro está ligado a crimes de ódio. As confusões de Ernest acabam num tribunal, num julgamento em que todas as imposturas dos EUA entram no banco dos réus.

A Berlinale 2024 termina no domingo.

ENTREVISTA / INADELSSO COSSA, CINEASTA E MONTADOR

Rodrigo Fonseca

'A memória moçambicana está ameaçada'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Raramente visto nas grades dos grandes festivais de cinema do mundo, Moçambique se faz notar - e brilhar - na 74ª Berlinale à força de um experimento nas raías entre o ensaio poético e o documentário chamado "As Noites Ainda Cheiram A Pólvora". É um estudo sobre o esquecimento, com base em relatos de quem vivenciou perdas nas guerras coloniais e gerras civis. Sua narrativa é pilotada por um montador que já fez publicidade e programas de televisão chamado Inadelso Cossa. Com base nas falas de seus familiares, ele expõe as entranhas de sua pátria.

Na entrevista a seguir, Inadelso conta ao Correio da Manhã que cicatrizes ainda ardem fundo no imaginário de seu povo.

De que maneira a vivência de seus

familiares e relatos bélicos da História de Moçambique são estruturados na dramaturgia de "As Noites Ainda Cheiram A Pólvora"?

Inadelso Cossa: Há que se aceitar o Passado, antes de tudo, e, na sequência, há que se conversar sobre ele, para se entender que um dos nossos piores problemas é uma identidade mal resolvida. Minha avó é uma prova disso. Ela quer esquecer o que se passou na guerra civil, mas não consegue. É necessário partir das lembranças, como as delas, para mergulhar fundo num conflito que deixou uma legião de aleijados e mortos. Mas Moçambique vive hoje doente de Alzheimer. A falta de incentivos para que se criem histórias no meu país leva a um processo de esquecimento. A memória moçambicana está ameaçada por um genocídio de nossas recordações

Qual foi o episódio mais chocante que descobriu nas filmagens?



Cossa: 'Há que se aceitar o passado e se conversar sobre ele'

Rufam as estéticas da África

Abderrahmane Sissako, realizador da Mauritânia, volta aos holofotes com seu elogiado 'Black Tea'

Originalmente chamado de "La Coline Parfumeé", a love story egressa da Mauritânia "Black Tea" dá o ar de seu romantismo na competição pelo Urso de Ouro nesta terça-feira, trazendo um realizador com status de mestre, Abderrah-



O novo longa de Abderrahmane Sissako aborda um amor entre imigrantes chineses e africanos em meio à opressão da xenofobia

mane Sissako, de volta aos holofotes. O filme anterior dele foi indicado ao Oscar, em 2015: "Timbuktu".

Em seu novo experimento autoral, ele fala de um amor entre imigrantes chineses e africanos em meio à opressão da

A morte do meu avô, numa mina explosiva. Minha avó viu ele se ferir, acompanhou seu padecimento e estava a seu lado quando ele morreu. Mas eu não mostro violências assim. Um filme não se torna cinema pelo impacto, mas, sim, por suas entrelinhas. Ao rever um conflito que foi de 1972 a 1994, a deixar famílias dilaceradas, o que eu busco são as histórias não contadas. O filósofo moçambicano Severino Ngoenha tem uma fala que me ajuda muito a refletir sobre isso: "Somos nós a fazer histórias ou somos feitos pelas histórias dos outros".

Mas é fácil "fazer histórias", ou seja, fazer cinema, na indústria audiovisual moçambicana de hoje?

Vivemos de projetos, com salários de temporadas, sem uma perspectiva de aposentadoria. Tenho uma produtora no meu país, mas eu vivo em Lisboa. Trabalho como montador, presto consultoria. Sobrevivo assim.

Um dos realizadores moçambicanos mais conhecidos no mundo tem lar no cinema brasileiro: Ruy Guerra. O que conhece da obra dele?

Por meio dele, com seu cinema atrevido e ousado, muitos jovens diretores de Moçambique tiveram um caminho para filmar, uma vez que ele fez um trabalho forte como professor também.

xenofobia. A trama começa do momento em que uma jovem, na Costa do Marfim, diz "Não!", em sua cerimônia de casamento, e se muda para Guangzhou, na China, em busca de sua paixão. O contexto cultural de racismo será o maior adversário da protagonista.

Sissako ganha evidência num momento de apogeu para filmes de países africanos no Festival de Berlim. No domingo, sob as bênçãos dos orixás, "Dahomey", um documentário feito entre o Benin, a França e o Senegal explodiu na preferência dos críticos na avaliação dos mais finos trabalhos de dramaturgia desta competição. A direção é de Mati Diop, laureada com o Grande Prêmio do Júri de Cannes de 2019 por "Atlantique".

Sua nova produção, de 68 minutos, fala de uma série de relíquias que, ao retornarem ao governo beninês expõem a rapinagem promovida pelo jugo colonial. (R.F.)

Divulgação

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Desde o início da maratona cinéfila alemã deste ano, na quinta-feira passada, há um filme de DNA mexicano (embora seja ambientado nos EUA) que não sai da lista de apostas da disputa pelo Urso de Ouro de 2024: “La Cocina”, de Alonso Ruizpalacios. É um frenético mergulho nos bastidores da cozinha de um restaurante da moda onde o tempero mais concorrido é a mistura de cidadanias, num retrato da imigração. Fala-se um bocado também sobre o refinamento do documentário de matriz africana “Dahomey”, da franco-senegalesa Mati Diop. Mas há um amplo cardápio de expressões audiovisuais ousadas nas outras latitudes da Berlinale, que segue até domingo. Confira alguns achados do evento:

ABOVE THE DUST, de **Wang Xiaoshuai (China)**: Eis “O” filme da maratona cinéfila germânica deste ano. Mas ele acabou na mostra Generation (de orientação infantojuvenil) por se debruçar sobre o que se passa na cabeça de um menino de 10 anos. Na trama, o pequeno Wo Tu sonha ter uma pistola d’água num campo de trabalhadores que sofre um processo de desapropriação de bens pelo estado. O desejo do garoto vai levá-lo a exóticas açoes.

FARUK, de **Asli Özge (Turquia)**: Nas raias da autoficção, este painel de conflitos geracionais em Istambul parte de um exercício de observação, com ares fabulares, feito pela cineasta a partir do dia a dia de seu pai, um nonagenário que esbanja carisma.

TREASURE, de **Julia von Heinz (EUA)**: Eleito “o filme fofo” desta Berlinale tão inflamada de temas políticos, esta dramédia põe a atriz e roteirista de “Girls”, Lena Dunham, ao lado de um mito queer da cultura pop: Stephen Fry. Eles vivem filha e pai num road movie que se passa em 1991, data na qual a jornalista Ruth (Lena) leva seu pai, o imigrante judeu polonês Edek (Fry, sublime em cena), a um passeio por sua terra natal. Mas ela vai incluir campos de concentração no pacote, o que leva Edek, a lembrar da dor vivida por seu povo na mão dos nazistas. O tema é bem áspero. O longa, não.

À QUAND L’AFRIQUE?, de **David-Pierre Fila (Congo/ Angola)**: Atabaques se inflamam na evocação de mitologias e histórias reais de povos de áreas rurais do Congo diante do irrefreável avanço da gentrificação e

**Above The Dust**

A toca do Urso de Ouro

Filmes das mais variadas latitudes se destacam na primeira semana do Festival de Berlim, em paralelo à competição oficial

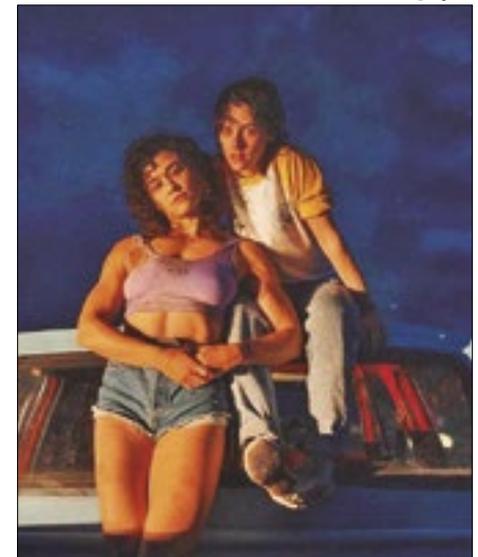
**Treasure**

do desmatamento. No filme, ritos que passam pela percussão abrem uma reflexão geopolítica com foco ecológico.

LES GENS D’À CÔTÉ, de **André Té-**

chiné (França): Neste elegante suspense, a onipresente diva Isabelle Huppert empresta seu talento ao mestre europeu na saga de uma policial que se afeiçoa por seus novos vizinhos até entrar em dilema ao descobrir que

Divulgação

**Love Lies Bleeding**

um deles tem um passado de crimes.

MEMORIAS DE UN CUERPO QUE ARDE, de **Antonella Sudassi Furriss (Costa Rica)**: Uma vez que o assunto mais recorrente desta Berlinale é a vida depois dos 60, com a chegada da veiche, nada mais adequado para o cinema hispano-americano renovar sua força estética do que um painel experimental sobre três mulheres que se assumem idosas: Ana (68 anos), Patrícia (69) e Mayela (71). Elas falam de seus desejos e de seus medos.

LOVE LIES BLEEDING, de **Rose Glass (EUA)**: Uma analogia com “Thelma & Louise” (1992) ajuda a fazer deste thriller beem sanguinolento um cult na grade da mostra Berlinale Special. Kristen Stewart vive uma gerente de academia de ginástica que se apaixona por uma fisiculturista (Katy O’Brien), que perde o juízo e o senso de brutalidade por amor e pelo uso abusivo de esteróides, que mudam seu corpo.

Divulgação

Rodrigo Lopes/Divulgação



Robson Torinni (esq) e Otto Jr acumulam prêmios e elogios do público por seu trabalho em 'Tebas Land'

Um encontro impactante

Ao retratar a instigante relação entre um jovem parricida e um dramaturgo interessado em escrever a história de seu crime, o espetáculo "Tebas Land" conquistou o público brasileiro desde a sua estreia, em 2018, ganhando várias temporadas no país até a chegada da pandemia. Em 2024, a premiada autoficção, escrita pelo uruguaio Sergio Blanco e dirigida por Victor Garcia Peralta, volta em cartaz, agora no Teatro Poeira, a partir desta quinta-feira (22).

O espetáculo também participará do Festival de Avignon, em julho, um dos eventos de teatro mais importantes do mundo. Em cena, estão novamente os atores Otto Jr.

Com dramaturgia do uruguaio Sergio Blanco e direção de Victor Garcia Peralta, 'Tebas Land' acompanha as conversas entre um jovem parricida e um dramaturgo interessado em escrever a história do crime

e Robson Torinni, que ganharam elogios de espectadores e críticos pelo trabalho. A peça venceu os prêmios Shell RJ de Melhor Ator (Otto Jr.) e Botequim Cultural de Melhor Espectáculo, Melhor Direção e Melhor Ator (Robson Torinni). Também foi indicado ao Botequim Cultural de Melhor Ator (Otto Jr.) e Cesgranrio de Melhor Direção e Melhor Ator (Robson

Torinni).

Inspirado no mito do Édipo e na vida de São Martinho de Tours, santo europeu do século IV, o espetáculo também revisita textos que abordam o tema da paternidade, como "Os Irmãos Karamazov", de Dostoiévski; "Um Parricida", de Maupassant; e "Dostoiévski e o Parricídio", de Freud. O cenário reproduz a quadra de basquete de

uma prisão, onde ocorrem os encontros quase documentais entre os dois personagens, duas pessoas de mundos completamente distintos. Começa, então, uma peça dentro da peça, com Robson Torinni na pele tanto do jovem assassino quanto do ator que o representa. Com esse jogo de metalinguagem, a peça propõe uma reflexão sobre construção de dramaturgia, o uni-

verso teatral e os limites entre ficção e realidade.

"O texto nos cativou pelos dois diferentes planos, razão e emoção, e pelo processo criativo imbuído neles, em que a dramaturgia é construída durante a ação da peça, oscilando, quase que paralelamente, entre a discussão do fato ocorrido e a construção do texto da peça que será baseada no crime", conta Victor Garcia Peralta, idealizador do projeto junto com Robson Torinni. "Tivemos que parar o espetáculo, com plateias lotadas, no começo da pandemia. E é com muita alegria que iniciamos a nova temporada deste texto, que ganhou adaptações premiadas em uma série de países", celebra Torinni.

Com sensibilidade e inteligência, o autor uruguaio Sergio Blanco expõe temas como a importância da paternidade, falta de afeto, solidão, famílias disfuncionais e falência dos sistemas prisionais. Como de praxe nas dramaturgias do autor, a peça nos faz refletir sobre problemas sociais. "Tebas Land" também nos alerta sobre as consequências dos abusos (físicos, sexuais e psicológicos) sofridos na infância, que perduram durante a vida toda das vítimas. No Brasil, um estudo revelou que, apenas no primeiro semestre de 2022, 84% das violações contra crianças de até 6 anos foram cometidas por familiares. Essas agressões têm impacto negativo a curto, médio e longo prazo na saúde física e mental das vítimas e em suas práticas parentais futuras.

"A peça aborda uma questão que muito nos toca: as ligações com os pais. Nem todos podemos ser pais, mas todos somos filhos e, portanto, todos temos a experiência da descendência. É também um trabalho sobre a dinâmica do que é a engenharia da construção de uma peça, como o texto pode ser escrito", define o dramaturgo Sergio Blanco.

SERVIÇO

TEBAS LAND

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 – Botafogo)

De 22/2 até 28/4, de quinta a sábado (20h) e domingo (19h)

Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Reflexões que vieram pra ficar

Professores destacam a força e potência do enredo da Unidos da Viradouro que resgata ancestralidades africanas, femininas, negras e religiosas

O enredo 'Arroboboi Dangbé' homenageia o Vodum Serpente, uma tradição religiosa do antigo reino de Daomé

O enredo "Arroboboi, Dangbé", que homenageia o Vodum Serpente, provoca uma reflexão. O carnavalesco Tarcísio Zanon, da Unidos da Viradouro, trouxe uma história do século XVIII, que aconteceu na costa ocidental da África. O enredo campeão do carnaval do Rio de Janeiro em 2024, resgata as ancestralidades africanas, feminina, negra e também religiosa, alicerces principais da cultura e da sociedade brasileira.

A Vermelha e Branca de Niterói apresentou Dangbé, a mítica cobra cultuada no Noroeste da África. Rememorando, outro enredo icônico, sobre Exu, que deu à Acadêmicos da Grande Rio o título do carnaval carioca de 2022. A agremiação de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, desfilou com o enredo "Fala, Majeté! Sete chaves de Exu", que desmistificou a imagem ruim de um dos orixás mais importantes de religiões de matrizes africanas.

O Carnaval, além de ser um período de festa, funciona como uma luvá para conscientização e apren-

dizado. Além do entretenimento e da valorização à cultura, tem uma relação direta com as origens históricas, trazendo uma legítima narrativa.

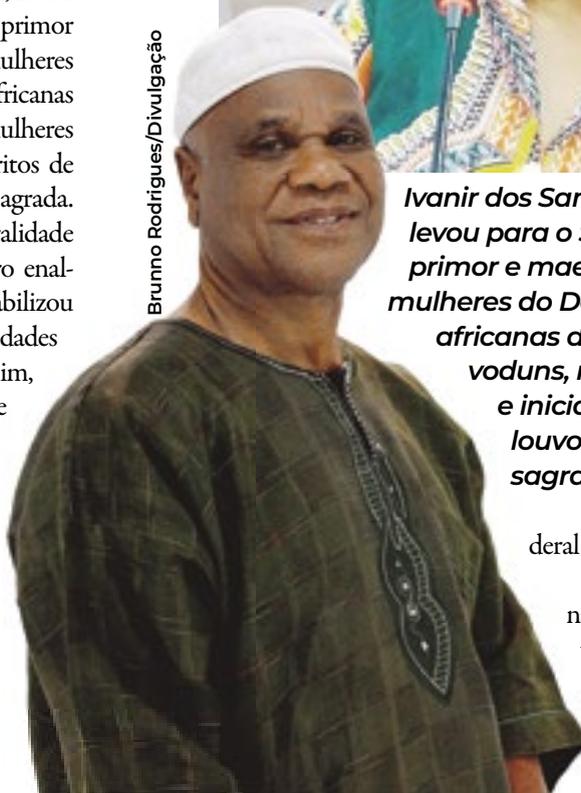
Professores e religiosos fazem uma reflexão sobre o tema. "O enredo da escola de Niterói, levou para o Sambódromo, com primor e maestria, a força das mulheres do Daomé na tradição africanas das sacerdotisas voduns, mulheres escolhidas e iniciadas em ritos de louvor à grande serpente sagrada. Levando a história e ancestralidade para a avenida, a Viradouro enalteceu a cultura negra e viabilizou a importância das religiosidades de matrizes africanas. É assim, vivenciando, ensinando e aprendendo com a arte e a magia do carnaval que podemos pensar na importância da tolerância em nossa sociedade", defende o Pós-Doutor Babalawô Ivanir dos Santos, professor e orientador no Programa de Pós-graduação em História Comparada pela Universidade Fe-

Divulgação



Mariana Gino: 'Viradouro levou para a Sapucaí a metamorfose da força das mulheres africanas e descendentes de africanas. Uma força que vem se transformando e potencializando ao longo dos séculos

Brunno Rodrigues/Divulgação



Ivanir dos Santos: 'A escola levou para o Sambódromo, com primor e maestria, a força das mulheres do Daomé na tradição africanas das sacerdotisas voduns, mulheres escolhidas e iniciadas em ritos de louvor à grande serpente sagrada'

deral do Rio de Janeiro (UFRJ).

A professora Dra. Mariana Gino - Secretária Executiva Adjunta do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP) e secretária-geral do Centre Internatio-

nal Joseph Ki-Zerbo pour l'Afrique et sa Diaspora/N'an laara an saara - também comenta sobre o enredo. "Viradouro levou para a Sapucaí a metamorfose da força das mulheres africanas e descendentes de africanas. Sim, uma força que vem se transformando e potencializando ao longo dos séculos. Uma força que cria possibilidades! Uma força ancestral que nos ajuda a descolonizar as nossas existências. A escola levou para o mundo a aplicabilidade da lei 10.639/03 que tornou obrigatório ensino das Histórias e culturas africanas e afro-brasileiras, levou luta contra o racismo no e contra as intolerâncias cotidianas que recaí sobre os adeptos das religiões de matrizes africanas", destaca. "É assim, a principal festa popular brasileira mostra a que veio...," completa.

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha